

Polícia do Rio é mais violenta, aponta estudo

DIREITOS HUMANOS

Raimundo Valentim/AE

Levantamento da Human Rights Watch indica governo fluminense como autor das piores políticas de combate à violência; secretário diz que ordem é para que policiais dêem sempre "o primeiro tiro"

RIO — Um levantamento preparado pela organização internacional Human Rights Watch aponta o governo do Rio como autor das piores políticas públicas no combate à violência policial. O estudo incluiu oito capitais brasileiras, entre elas São Paulo. "Há abusos em todas elas", diz James Cavalari, diretor da entidade no País. "Mas o Rio é a pior."

Com um general, Nilton Cerqueira, no comando da segurança pública, e um delegado espalhafatoso, Hélio Luz, à frente da Polícia Civil, o Estado combate a criminalidade com ações violentas, segundo a entidade. "A minha orientação é para que a polícia dê o primeiro tiro", assume Cerqueira.

J.H., dono de um bar numa favela em Santa Teresa, foi atingido por uma bala perdida no dia 23. Por volta do meio-dia, ele carregava engradados de cerveja quando foi ferido nas costas por um tiro de fuzil 762. "Ouvi barulho de tiros, vi um monte de gente correndo, e de repente parecia que tinha um monte de formigas me mordendo", conta o comerciante, que só se deu conta de que havia sido baleado quando um amigo lhe disse que sua camisa estava ensanguentada. "O tiro pegou de lado", descreve J.H. A carga penetrou pouco mais de 1 centímetro.

O comerciante diz que sabe quem disparou o tiro. Segundo ele, foi um policial que manejava a arma a cerca de 500 metros do bar — o fuzil tem um alcance de até 800 metros. Naquela semana, a polícia fazia patrulhamento na favela. "Eles sempre dão tiro assim de graça", conta J.H. "Brincam de fazer mira na gente."

Três dias depois, quando esperava para trocar os curativos do ferimento no Hospital Souza Aguiar, cinco policiais civis armados de fuzis o abordaram com violência. "Foi ele mesmo", gritavam, dando-lhe tapas e socos no rosto. "Eles me confundiram com alguém que tinham acabado de balear no morro", conta J.H. A polícia só parou de agredir o rapaz quando um médico do Souza Aguiar mostrou seu registro e explicou que

ele estava ali para um curativo.

"É melhor deixar quieto", diz J.H., de 31 anos, que não quer se identificar por medo de represálias. "Eles não sabem onde é meu bar, nem sabem que me acertaram." de 31 anos, que como a maioria dos moradores, forja sua proteção nos morros do Rio com o anonimato e à distância da lei.

Armas — O Programa Nacional de Direitos Humanos, no capítulo de proteção do direito à vida, propõe mais de dez medidas de curto prazo (um ano) para coibir a violência. Uma delas é um projeto de lei que torna crime o uso ilegal de armas, tanto pela população quanto pela polícia.

A proposta espera a apreciação do Senado. Para a população, condiciona a posse de uma arma a "rigorosa comprovação de necessidade, aptidão e capacidade de manuseio". Para a polícia, cria normas para uso de armas nos horários de folga e para controle da jornada de trabalho.

Para o general Cerqueira, o plano não deve sair do papel. "O programa está totalmente invertido, pois coloca o próprio governo como o maior violador dos direitos humanos no Brasil", critica. Ele nega que a polícia cometa violações e rechaça a idéia de criar Ouvidorias de Polícia, a

exemplo do que já foi feito em São Paulo. "A energia com que a polícia atua em defesa da sociedade não pode ser confundida com violência."

A maioria das mortes que resultam das balas de policiais é registrada em autos de resistência. Levantamento feito pela Comissão de Segurança e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa mostra por trás do rótulo circunstâncias no mínimo duvidosas. Muitos foram alvejados nas costas. Outros tomaram tiros na cabeça, de cima para baixo.

A violência dos conflitos já chamou a atenção até da própria polícia, que preparou um levantamento do número de policiais mortos e feridos, no trabalho ou nas folgas. O documento diz que nas mortes em serviço tem "peso significativo o despreparo profissional". (Rebeca Kritsch)



**VIOLENCIA
POLICIAL**

BRINCAM DE
FAZER MIRA NA
GENTE, DIZ
FAVELADO



J.H. foi atingido por uma bala perdida em uma favela de Santa Teresa, onde tem um bar: "Eles sempre dão tiro assim de graça."